

Enunciação, dialogismo, intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste/ *Enunciation, Dialogism, Intersubjectivity: a study about Bakhtin and Benveniste*

Valdir do Nascimento Flores*
Marlene Teixeira**

RESUMO

Este texto propõe uma discussão de natureza epistemológica acerca de duas perspectivas de análise da linguagem: as teorias enunciativas de Mikhail Bakhtin e de Émile Benveniste. Busca-se ver como cada um dos autores formula o princípio fundador de suas teorias para, em seguida, verificar o que os singulariza teoricamente.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação; linguagem; dialogismo

ABSTRACT

This text intends to propose an epistemological nature discussion about two perspectives of language analysis: Mikhail Bakhtin's enunciation theory and Émile Benveniste's enunciation theory. The aim is to check how each of these authors formulates the generator principle of their theories in order to, afterwards, verify what unifies their theories.

KEY-WORDS: *Enunciation; Language; Dialogism*

* Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/CNPq; valdirnf@yahoo.com.br

** Professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos; martei@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Este texto discute, do ponto de vista epistemológico, duas teorias da linguagem: a teoria enunciativa de Mikhail Bakhtin e a teoria enunciativa de Émile Benveniste.

Nosso interesse tem uma causa definida: é comum encontrarmos referência simultânea aos dois autores em trabalhos ligados ao campo da Enunciação. Entretanto, é menos comum a explicitação das semelhanças e das diferenças que há entre eles.

A produção de reflexões epistemológicas dessa natureza é bastante importante no contexto da linguística brasileira. De um lado, contribui para o aprimoramento da leitura das teorias de um determinado campo, uma vez que oferece subsídios para maior precisão terminológica e colabora para a sistematização do conhecimento de base da área, minimizando o estabelecimento de falsas homônimas e de precárias equivalências teóricas. De outro lado, proporciona a construção de conhecimento compartilhado do campo, assegurando-lhe um mínimo de unidade.

Assim, quanto às semelhanças entre Bakhtin e Benveniste, encontramos um ponto de partida no *Dicionário de linguística da enunciação (DLE)* recentemente publicado (cf. FLORES et alii, 2009). O *Dicionário* os inclui entre os representantes da Linguística da Enunciação a partir de quatro critérios (p. 11-26):

- a) a referência (continuidade ou ruptura) à dicotomia saussuriana língua/fala e, por ela, ao quadro sistêmico-estrutural;
- b) a proposição de análise da linguagem do ponto de vista do sentido;
- c) a reflexão em torno de mecanismos de produção do sentido entendidos como marcas da enunciação com a elaboração explícita de uma teoria sobre o tema da enunciação;
- d) a inserção do elemento subjetivo no âmbito dos estudos da linguagem.

Considerados esses critérios e a perspectiva dos estudos enunciativos, tanto Bakhtin quanto Benveniste integram o campo amplamente denominado Linguística da Enunciação. Mas, tomados em relação entre si, no detalhe, o que os aproxima e os diferencia?

Essa é a questão que norteia este trabalho. Respondê-la demandaria esforço teórico não compatível com a proposta de introduzir a

questão. Não faremos uma comparação exaustiva. Nosso objetivo é mais modesto: ver como Bakhtin e Benveniste formulam o princípio fundador de suas teorias para, em seguida, verificar o que os singulariza.

1 O PRINCÍPIO FUNDADOR DA TEORIA ENUNCIATIVA DE BAKHTIN

Falar em Bakhtin requer uma exposição prévia que situe a incursão pretendida, sobretudo, em razão da amplitude de sua obra¹ e da abrangência de aspectos que nela encontram abrigo. Um rápido olhar sobre as publicações a seu respeito mostram que ele é convocado por reflexões nas esferas da história, teoria e crítica literária, filosofia, psicologia, linguística, entre outras. Além disso, a densidade de seu pensamento faz com que seja reivindicado por várias correntes: há quem o enquadre como marxista, neo-humanista, até mesmo como um pós-moderno *avant la lettre*.

Uma série de questões precisa ser enfrentada pelos que se propõem a compreender o legado de M. Bakhtin: a problemática em torno da autoria de alguns textos veiculados, em especial, nos anos 1920²; as dificuldades relacionadas à recepção da obra, decorrentes da ausência de ordem cronológica na publicação dos textos; o fato de muitos desses textos terem se constituído a partir de manuscritos inacabados; a divulgação tardia da obra no Ocidente, que levou cerca de vinte e cinco anos para se completar; o descuido de algumas traduções.

No Brasil, outras questões se colocam que dificultam a aproximação à obra bakhtiniana: a redução, por longo tempo, de seu pensa-

1 – Utilizamos a palavra obra para nos referir ao conjunto dos trabalhos ligados ao nome de Bakhtin com o sentido que lhe atribui Milner (1996). Para ele, a noção de obra é moderna, desde que a consideremos como um princípio de unicidade que permite introduzir diferenciações no múltiplo da cultura. Assim, uma obra tem uma unicidade que se sustenta sobre um sistema de nomeações (o nome do autor, o título, etc.). Segundo Milner: “a questão de saber se há um ou vários textos é secundária, já que é a nomeação que os constitui em Um” (Milner, 1996, p. 11).

2 – A respeito da questão da autoria, remetemos a VASILEV (2006); BRONCKART (2007); FARACO (2009).

mento ao que está em *Marxismo e filosofia da linguagem* (MFL); a banalização de noções como as de *dialogismo, interação e gêneros do discurso*, frequentemente retiradas de seu sistema conceptual sem a devida incorporação dos princípios teóricos a elas subjacentes e utilizadas como alavancas que operam verdadeiros “milagres” no estudo de práticas discursivas.

Não pretendemos colocar nenhum ponto sobre os “is” no que se refere aos aspectos indicados nos parágrafos anteriores. Circulam entre nós publicações sérias e obras excelentes para esse fim. Como dissemos acima na Introdução, nosso propósito, neste momento, é outro: fundamentar a inclusão de Bakhtin no campo da Linguística da Enunciação, por considerar que a existência de uma teoria da enunciação se impõe não só em *MFL*, mas no conjunto de sua obra, seja sob a assinatura de Bakhtin, Bakhtin/Voloshinov ou Medvedev.

Integrar Bakhtin ao campo que chamamos Linguística da Enunciação implica admitir que o autor formula proposições que estão em ressonância com os linguistas que desenvolvem uma perspectiva enunciativa de estudo da linguagem. Neste texto, discutimos a proposta bakhtiniana em relação à de Benveniste. Apresentamos, de início, o princípio que sustenta a teoria da enunciação de Bakhtin: a concepção dialógica de linguagem. A seguir tentamos definir sua posição a respeito da delimitação do objeto da ciência linguística, situando-o em relação ao Saussure do *Curso de linguística geral* (CLG), pois nessa discussão vemos emergir elementos importantes de sua teoria da enunciação. Ao longo de nossa exposição, traremos conceitos fundamentais para o entendimento da teoria enunciativa de Bakhtin.

É praticamente unânime entre os estudiosos de Bakhtin o reconhecimento do dialogismo como conceito articulador de seu pensamento. Apesar disso, esse princípio, por sua riqueza, ainda está longe de ser suficientemente entendido, e muito há a ser explorado em relação a seu imenso potencial heurístico. Uma das dificuldades encon-

3 – Usaremos a sigla DLE para referir ao *Dicionário de linguística da enunciação*. Os verbetes do DLE têm uma micro-estrutura terminográfica constituída por uma definição seguida de nota explicativa. Citaremos as definições dos termos em exame e também parte das notas explicativas.

tradas para cercar a noção de *dialogismo* é o fato de ela ser formulada ao longo da obra, aparecendo em contextos diversos, que possibilitam mais de uma interpretação.

Di Fanti, em *DLE*³, define dialogismo como um “princípio da linguagem que pressupõe que todo o discurso é constituído por outros discursos, mais ou menos aparentes, desencadeando diferentes relações de sentido” (2009, p. 80). O dialogismo é como um axioma da teoria bakhtiniana, que atravessa diferentes noções aí desenvolvidas: linguagem, palavra, signo ideológico, sujeito, estilo, compreensão etc. Tal axioma promove a enunciação como centro de referência do sentido dos fenômenos linguísticos, o evento que institui o sujeito na interação viva com vozes sociais. Isto é, a perspectiva bakhtiniana não concebe o estudo da língua a não ser na enunciação. Assim, a enunciação é o operador que faz funcionar o axioma bakhtiniano. A noção de enunciação em Bakhtin é formulada a partir do questionamento da dicotomia língua e fala, presente em diversos textos, sob denominações diferentes.

1.1 A INDISSOCIABILIDADE ENTRE FORMA E USO NA ENUNCIÇÃO

A articulação da forma linguística com o uso, ponto nevrálgico dos estudos da enunciação, encontra-se formulada várias vezes em Bakhtin, mesmo em *MFL*, considerada uma obra caracterizada por um antissaussurianismo radical. Para o desenvolvimento dessa afirmação, tomamos por objeto textos em que a referência à linguística é explícita, tais como: “Para uma filosofia marxista da linguagem”, que constitui a segunda parte de *Marxismo e filosofia da linguagem* (1995, p. 69-136); o último capítulo de *Problemas da poética de Dostoiévski*, intitulado O discurso em Dostoiévski (1981, p. 181-272); Os gêneros do discurso e O problema do texto, ambos publicados na edição brasileira de *Estética da criação verbal* de 1992.

A distinção tema/significação, feita no capítulo 7 de *MFL*, é indicativa de que o sentido não é reduzido a uma análise puramente contextual, pois há o reconhecimento de um aparato técnico que concorre para sua efetivação, a *significação*, elemento abstrato igual a si mesmo, com possibilidade de significar no interior de um tema concreto. Além do *tema*, que é a expressão de uma situação histórica concreta, a enunciação é dotada de *significação*, constituída por elementos que são reiteráveis e idênticos cada vez que são

repetidos.⁴ A significação não está na palavra nem no falante ou em seu interlocutor: “Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro” (1995, p. 132).

Se *MFL* é vista como uma obra crucialmente crítica ao objetivismo abstrato, claramente identificado com Saussure, um exame mais atento permite dizer que o aspecto efetivamente problematizado ao longo dessa obra é a própria dicotomia *língua* e *fala*, posição que adianta o que virá a ser proposto, por exemplo, em Émile Benveniste.

Observe-se, em *MFL*:

(...) o que falta à linguística contemporânea é uma abordagem da enunciação em si. Sua análise não ultrapassa a segmentação em constituintes imediatos. E, no entanto, as unidades reais da cadeia verbal são as enunciações (1995, p. 124-125).

Essa afirmação anuncia uma linguística cujo objeto não é nem a língua nem a fala, mas a enunciação, evento de passagem do sinal ao signo⁵.

No último capítulo de *Problemas da poética de Dostoiévski* (1981, p. 181), a relação repetível/irrepetível se coloca na distinção entre língua, objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração, e discurso, língua em sua integridade concreta. Bakhtin considera legítimo e necessário o procedimento da linguística de recortar o objeto *língua* pela abstração de alguns aspectos da vida concreta do discurso. No entanto, situa seu interesse exatamente nos aspectos deixados de lado pela linguística, propondo uma segunda disciplina para estudar o discurso, a *metalinguística* (ou *translinguística*).

Para ele, linguística e metalinguística têm objetos autônomos e metas próprias, ainda que não necessariamente excludentes. A lin-

4 – O reconhecimento da forma como parte do sentido da enunciação é mais visível no capítulo 7, mas já está presente em outros momentos de *MFL*, mesmo que grande parte do texto dê a impressão de que a língua é desconsiderada no processo de constituição do sentido, remetido inteiramente ao contexto. A esse respeito, ver Faraco (2009) e Flores e Teixeira (2005).

5 – Por *sinal*, Voloshinov entende o nível da recorrência e do estável; por *signo*, o sempre imutável e adaptável (1995, p. 93).

guística estuda a linguagem na sua *generalidade*, como algo que torna *possível* a comunicação dialógica, (1981, p.183), enquanto a metalinguística ocupa-se do que ele chama de *relações dialógicas*, relações essas que não podem ser estabelecidas por critérios genuinamente linguísticos, porque, embora pertençam ao campo do discurso, não pertencem a um campo puramente linguístico de seu estudo (1981, p. 182). O autor não vê esses dois tipos de relações como dissociadas, mas propõe uma complementação entre ambas, afirmando a necessidade de recorrer-se à língua para dar conta do discurso.

A temática das relações dialógicas está presente também em O problema do texto (1992):

A relação dialógica pressupõe uma língua, mas não existe no sistema da língua. (...) Essa realidade polimorfa e onipresente não pode ser da competência apenas da linguística e ser apreendida apenas pelos métodos linguísticos. (...) A linguística estuda somente a relação existente entre os elementos do sistema da língua, e não a relação existente entre o enunciado e a realidade, entre o enunciado e o locutor (o autor). (...) O linguista está acostumado a perceber tudo num contexto fechado (dentro do sistema da língua ou do texto compreendido linguisticamente, sem levar em conta a relação dialógica que se estabelece com outro texto, o texto que responde), e, como linguista, sem dúvida, tem razão (1992, p. 345-349).

Embora não interesse a Bakhtin o estudo da estrutura linguística em si, ele não o descarta. Em sua concepção, o sentido se define no ato de materialização das relações lógicas em relações dialógicas, o que implica novamente o reconhecimento de que a *sementização* da língua ocorre na enunciação:

As relações dialógicas são irreduzíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que *por si mesmas* carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas (1995, p. 183; grifo do autor).

Em Os gêneros do discurso (1992), a questão da forma e de seu uso retorna na distinção entre *oração* (unidade da língua, dotada de

significação) e *enunciado* (unidade da comunicação verbal, dotada de sentido). Bakhtin estuda o enunciado sob dois aspectos: o que lhe vem da língua e é reiterável e o que lhe vem do contexto de enunciação e é único. Sendo assim, cada texto pressupõe um sistema de signos compreensível por todos (isto é, convencional, válido nos limites de uma dada comunidade), uma *língua*, bem como, simultaneamente, cada texto, em sua qualidade de enunciado, representa alguma coisa de individual, de irrepetível e aí reside o seu sentido. Este último aspecto não está vinculado aos elementos do sistema da língua, mas a relações particulares de natureza dialógica.

Posição semelhante encontra-se em O problema do texto. Se por trás de um texto não há uma *língua*, já não se trata de um texto, mas de um fenômeno natural, diz o autor (1992, p. 331), ou seja, por trás de todo texto encontra-se um sistema compreensível para todos, a língua, que se mantém como potencialidade a ser concretizada no interior de uma enunciação.

1.2 INTERSUBJETIVIDADE, ACENTO DE VALOR

A ideia de intersubjetividade aparece nitidamente no capítulo 7 de *MFL* (1995, p. 131), na definição de *compreensão* como uma forma de diálogo, o que implica o reconhecimento da interação entre locutor e interlocutor no processo de construção do sentido. A afirmação de que “só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz de sua significação” (1995, p. 132) deixa ver que, na perspectiva bakhtiniana, a matéria linguística adquire significação num processo ativo e responsivo, isto é, intersubjetivo.

A presença da intersubjetividade na teoria da enunciação de Bakhtin ganha contornos ainda mais ricos pelo reconhecimento, em *MFL*, de que, além de tema e significação, a palavra tem acento apreciativo ou de valor (1995, p. 132). O acento apreciativo se manifesta por meio da entoação expressiva, que diz respeito à relação individual entre o locutor e o objeto de seu discurso.

Apenas os elementos abstratos considerados no sistema da língua e não na estrutura da enunciação se apresentam destituídos de qualquer valor apreciativo. Por causa da construção de um sistema linguístico abstrato, os linguistas chegaram a separar o apreciativo do significativo, e a considerar o apreciativo como um elemento marginal da

significação, como a expressão de uma relação individual entre o locutor e o objeto de seu discurso (1995, p. 135).

Percebe-se aí a integração do acento apreciativo ao sentido, ou seja, a orientação apreciativa é vista como constitutiva da enunciação. Bakhtin atribui ao sujeito papel criativo no processo de composição do sentido, podendo, por sua entoação expressiva, desestabilizar as redes instituídas. Desse modo, o sistema teórico bakhtiniano acolhe, em seu objeto, o singular e o efêmero que a racionalidade científica hegemônica abstrai⁶.

A afirmação que encerra o capítulo 7 de *MFL* confirma essa interpretação:

Nada pode permanecer estável nesse processo. É por isso que a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias (1995, p. 136).

Em outros textos a questão da intersubjetividade também se coloca. Nos ensaios de *Estética da criação verbal* aqui focalizados, Bakhtin critica o tratamento que a linguística do século XIX⁷ dá à comunicação verbal, a partir de uma “estimativa errada das funções comunicativas da linguagem”, desconsiderando a “forçosa relação do falante com os outros parceiros da comunicação verbal” (1992, p. 289). Para ele, a compreensão de uma fala viva é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa: o ouvinte concorda ou discorda, completa, adapta, apronta-se para agir desde as primeiras palavras emitidas pelo locutor (1992, p. 190); o próprio locutor é um respondente, já que toma a palavra na cadeia complexa de outros enunciados.

A compreensão responsiva ativa pressupõe o princípio dialógico e a noção de alteridade como constitutivos do sentido, o que faz da

6 – Nesse aspecto, podemos aproximá-lo de uma perspectiva como a de Benveniste que, na interpretação de Flores (2004), faz da enunciação um conceito geral que só tem sentido para o individual, instituindo um sistema teórico apto a tratar da singularidade que habita a regularidade.

7 – Humboldt e Vossler são os autores nomeados por ele nessa crítica.

enunciação, em Bakhtin, uma atividade intrinsecamente dialógica⁸, em que o reconhecimento de si se dá pelo reconhecimento do outro.

Na visão de Bakhtin, no enunciado, as palavras adquirem uma expressividade que deixa de ser típica e torna-se individualizada, em função do contexto individual, irreproduzível do enunciado.

(...) apenas o contato entre a significação linguística e a realidade concreta, apenas o contato entre a língua e a realidade – que se dá no enunciado – provoca o lampejo da expressividade. Esta não está no sistema da língua e tampouco na realidade objetiva que existiria fora de nós (1992, p. 311).

1.3 O TRATAMENTO DADO À LÍNGUA

Até aqui tentamos mostrar que a teoria enunciativa de Bakhtin ultrapassa a dicotomia língua e fala e acolhe em seu objeto a intersubjetividade. Resta ver que espaço tem, em sua proposta, a descrição linguística propriamente dita.

Na terceira parte de MFL, encontra-se uma espécie de demonstração de como se operacionaliza sua análise enunciativa: a partir da aplicação do que ele chama de “método sociológico” a mecanismos sintáticos, método que prevê a integração de elementos virtuais da língua à estrutura da enunciação viva, entendida como espaço de diálogo entre acentos apreciativos. Ao propor um estudo do discurso citado (discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre) – tradicionalmente descrito como um problema de sintaxe – sob uma perspectiva enunciativa e não pelo viés de abordagens gramaticais ou estilísticas, o autor evidencia que a análise dos fatos de língua não se faz por uma divisão de trabalho entre duas ciências – linguística e metalinguística –, pois a forma só tem sentido na enunciação.

Esse estudo contempla a intersubjetividade, trazendo a questão do *outro* de maneira concreta, como dimensão constitutiva da linguagem: o outro, enquanto discurso e o outro enquanto interlocutor. De forma pioneira, o discurso citado é trabalhado como enunciação na

8 – Nunca é demais salientar que a palavra “diálogo” em Bakhtin contraria entendimentos consagrados pelo senso comum, não se reduzindo nem à interação face-a-face, nem a “entendimento” ou “geração de consenso”, mas sendo tomada como espaço de tensão entre vozes sociais.

enunciação, reação da palavra à palavra, discurso no discurso, recepção ativa do discurso de outrem.

(...) a unidade real da língua que é realizada pela fala (...) não é a enunciação monológica individual e isolada, mas a interação de pelo menos duas enunciações, isto é, o diálogo. O estudo fecundo do diálogo pressupõe, entretanto, uma investigação mais profunda das formas usadas na citação do discurso, uma vez que essas formas refletem tendências básicas e constantes da recepção ativa do discurso de outrem, e é essa recepção, afinal, que é fundamental para o diálogo (Bakhtin/Volochinov, 1995, p. 146).

Além de teoricamente propor que o estudo da língua como tal só é produtivo no interior de uma teoria da enunciação, Bakhtin indica como articular metodologicamente, na análise de fenômenos de linguagem, a questão linguística propriamente dita a dados da enunciação concreta, em que o outro é concebido como “lei constitutiva do tecido de todo discurso” (Authier-Revuz, 2004, p. 37).

Em O problema do texto, Bakhtin volta às formas linguísticas:

O sistema da língua dispõe de uma reserva imensa de recursos puramente linguísticos para expressar formalmente o ato vocativo: recursos lexicais, morfológicos (as flexões correspondentes, os pronomes, as formas pessoais do verbo), sintáticos (os diferentes clichês e modificações de orações). Essas formas porém só podem implicar um destinatário real no todo de um enunciado concreto. (...) quando se analisa uma oração isolada tirada de seu contexto, encobrem-se os indícios que revelariam seu caráter de dirigir-se a alguém, a influência da resposta pressuposta, a ressonância ideológica que remete aos enunciados anteriores do outro, as marcas atenuadas da alternância dos sujeitos falantes que sulcaram o enunciado por dentro (1992, p. 326).

Nesse texto, ele faz referência ao discurso indireto livre, afirmando que admitir sua existência implica admitir a bivocalidade do verbo (1992, p. 349)⁹.

9 – Nesse texto, Bakhtin também indica as aspas como forma marcada da presença de um discurso no outro.

A investigação do sentido, na perspectiva bakhtiniana, repousa sobre uma tensão permanente entre a estabilidade do sistema e a instabilidade da enunciação; ela se configura como o lugar de uma contradição dinâmica entre o aspecto imutável do signo linguístico e seu aspecto mutável e dependente da situação de enunciação; entre a significação estável de uma enunciação e seu tema móvel e único; entre os diferentes *acentos* sociais do mesmo signo linguístico.

2 O PRINCÍPIO FUNDADOR DA TEORIA ENUNCIATIVA DE BENVENISTE

A exemplo do que foi dito acima relativamente a Bakhtin, também Benveniste é um autor que coloca problemas ao leitor. Nesse caso, o principal problema não é de ordem autoral, mas nocional.

Benveniste não desenvolveu um *modelo* de análise da linguagem. O que se convencionou chamar de a *Teoria da Enunciação* de Benveniste é, na verdade, derivado da leitura de um conjunto de textos escritos entre os anos 1930 e 1970, que simultaneamente teorizam e analisam *a marca do homem na linguagem*, expressão usada pelo próprio Benveniste no prefácio de *Problemas de linguística geral I*.

Observemos que a teoria benvenistiana apresenta-se como um caso incomum na linguística, uma vez que é reconhecida a existência de uma teoria sem que o seu autor a tenha assim concebido. Benveniste não quis escrever uma teoria da enunciação. Nenhum de seus depoimentos autoriza pensar que ele se dedicava a esboçar uma teoria acabada, tal como vemos hoje em outros autores.

Disso decorre uma conclusão: não há a proposição inicial de um modelo a partir do qual Benveniste teria feito todas as suas análises. Ao contrário, cada texto seu encerra maneiras específicas de analisar e de teorizar línguas, língua e linguagem. A análise dos pronomes feita no texto *Estrutura das Relações de Pessoa no Verbo* (1946), por exemplo, não é metodológica e conceitualmente a mesma que a proposta em *Funções sintáticas* e nem em *O aparelho formal da enunciação* (1970). Embora em ambas percebamos aspectos enunciativos.

Soma-se a isso o fato de a própria noção de enunciação em Benveniste não ser nem única, nem unívoca. A palavra enunciação

aparece em muitos textos dos *Problemas I e II*¹⁰, nem sempre com o mesmo sentido. Isso acarreta uma questão fundamental: não podemos ler os textos de Benveniste como se fossem contemporâneos um do outro. Apenas para dar um exemplo, entre o texto *Da Subjetividade na Linguagem* e o artigo O aparelho formal da enunciação há um intervalo de quase 20 anos e o conceito de enunciação formulado é diferente em cada um dos casos¹¹.

Há muitas definições de enunciação em Benveniste, embora a vulgata, especialmente no Brasil, privilegie apenas aquela dada pelo autor em 1970 – “este colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização” (PLG II, p. 82).

Esses dois pontos aqui destacados – a ausência de um modelo teórico acabado e a flutuação conceitual – são suficientes para ilustrar, ao menos em linhas gerais, alguns dos problemas que Benveniste coloca ao leitor.

Quanto à heterogeneidade nocional, ela se explica desde que se considere que Benveniste construiu sua reflexão ao longo de 40 anos. Diferentemente de outros autores do campo da Enunciação que, durante anos, refizeram seu trabalho buscando a proposição de um modelo (Oswald Ducrot e Antoine Culioli são exemplos disso), Benveniste escreveu cerca de vinte artigos reunidos nos dois volumes dos *Problemas* sem que nenhum desses textos constituísse propriamente um modelo acabado.

Surpreende, portanto, ler, na literatura em geral, referência a textos escritos no início da década de 40 – o texto *Estrutura das relações de pessoa no verbo*, de 1946, por exemplo – e, na sequência, igual referência aos escritos 20 anos após, sem a explicação de que não se trata mais de reflexão de mesma natureza. É certo que, em duas décadas, conceitos se alteram e se definem diferentemente. Benveniste operou deslocamentos em seu trabalho.

10 – Trata-se de *Problemas de linguística geral I*, originalmente publicado em 1966, e *Problemas de linguística geral II*, originalmente, publicado em 1974. As referências a tais livros serão feitas, aqui, de acordo com o seguinte sistema: sigla, indicação do volume, seguida de indicação da página.

11 – A esse respeito vale lembrar o seminário de Irène Fenoglio *Sur les manuscrit de Émile Benveniste* (CNRS, Paris). Os arquivos de Benveniste, recentemente abertos, impedem que se pense sua teoria como um bloco uno e mesmo que se ignore a cronologia de seus artigos.

Tudo o que foi dito antes, portanto, impõe encaminhamentos: escolher um ponto de vista para abordar a teoria de Benveniste.

Nosso interesse é explicitar o princípio teórico (axioma) e alguns dos conceitos primitivos sobre os quais o autor fundamenta sua reflexão. E qual é o fundamento de toda a reflexão benvenistiana? Sobre qual axioma de base se constrói a chamada teoria da enunciação de Benveniste? Quais os operadores de pensamento da teoria de Benveniste.

Para responder a essas perguntas é preciso que sejam explicitados – em função da filiação de Benveniste ao doutrinal de ciência saussuriano – três pontos que vêm ao encontro desse propósito e que não se fizeram necessários quando da explicitação do princípio teórico bakhtiniano (cf. supra). São eles: axioma, operador, e conceitos primitivos.

Entendemos por *axioma* a(s) proposição(ões) de base que se refere(m) ao objeto e que não exige(m) demonstração: o *axioma* é um princípio de evidência da teoria. O axioma da teoria enunciativa benvenistiana é explicitado pelo próprio autor e, em nossa opinião, recebe a seguinte formulação: *o homem está na língua*.

Entendemos por *operador* todo o dispositivo que permite o exercício do(s) *axioma(s)* num dado modo. É, pois, um instrumento que se apresenta na forma de metalinguagem. O *operador* do *axioma O homem está na língua é a enunciação*. É ela, enquanto dispositivo, que o faz funcionar.

Entendemos por *conceitos primitivos* aqueles conceitos que são interdependentes uns dos outros. Apenas a título de ilustração, vejamos um exemplo em Benveniste: “A ‘subjetividade’ de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como sujeito” (PLG I, p. 286). Para entendermos essa afirmação, precisamos saber o que o autor entende pelos termos *locutor* e *sujeito*. Em outras palavras, *subjetividade*, *locutor* e *sujeito* são conceitos primitivos uns em relação aos outros porque são interdependentes.

Passemos à explicitação do axioma fundador da teoria enunciativa de Benveniste.

2.1 PRIMEIROS APONTAMENTOS SOBRE O HOMEM NA LÍNGUA

Os *PLG I* e *II* de Benveniste são divididos em seis partes. Os dois tomos têm as mesmas divisões, identicamente intituladas em ambos

os casos. No *Avant-propos* do *Problemas II* é explicado que tal divisão fora proposta pelo próprio Benveniste.

A publicação do primeiro volume é datada de 1966. O segundo volume veio a público apenas em 1974, dois anos antes da morte de Benveniste, ocorrida em 1976. O *Avant-propos* do *PLG I* é assinado por Benveniste; o do *PLG II* é assinado por M. Dj. Moinfar que apresenta os motivos que justificaram a emergência do segundo volume, mesmo não tendo este recebido a supervisão direta de Benveniste.

Ao lembrar esse contexto, queremos sugerir que a organização do *PLG II*, mesmo que siga a divisão sugerida por Benveniste, tem especificidades se comparada à organização do *PLG I*. Isso talvez justifique, por exemplo, o fato de o famoso O aparelho formal da enunciação, do segundo volume, não integrar a parte intitulada “O homem na língua”.

Falemos sobre a parte “O homem na língua”. Chama a atenção que Benveniste, no *Avant-propos* do *Problemas I*, chame-a de “O homem na linguagem”. Diz Benveniste: “O homem na *língua*’ é o título da parte seguinte” (p. 2) [grifo nosso]. A pergunta que cabe, aqui, é: a que se deve este “engano” de Benveniste? Por que oscila ele entre *língua* (a palavra que efetivamente aparece no sumário) e *linguagem* (a palavra que aparece no *Avant-propos*) para nomear essa parte de seu livro?

Pensamos que isso sugere que as noções de *língua* e *linguagem* – mas também a de *línguas* – são de suma importância no pensamento de Benveniste e que todas são relevantes para o autor. Tomemos apenas um exemplo: o artigo *Da Subjetividade na Linguagem*, datado de 1958, presente no *PLG I*. A intersubjetividade/subjetividade ali estudada inclui a ordem da *linguagem* – o título já atesta isso –, a ordem da *língua* – já que a análise conclui em favor de uma generalização sistêmica da oposição *pessoa/não-pessoa* – e a ordem das *línguas* – já que há análises de inúmeras línguas (o francês, certamente, mas também as línguas do extremo oriente das quais Benveniste era profundo conhecedor¹²). Talvez, então, o mais adequado seja supor que Benveniste fala em *homem na língua*, mas também na *linguagem*, já que isso é sobejamente mostrado nas análises que faz das *línguas*.

12 – Benveniste era judeu sefardita nascido em Alep, Síria, e naturalizado francês.

Continuando nessa mesma linha de raciocínio, observemos a seguinte passagem do mesmo texto de 1958:

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de “ego” (PLG I, p. 286).

Ao que acrescenta: “A ‘subjetividade’ de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (PLG I, p. 286).

Finalmente, no último parágrafo do mesmo texto:

Muitas noções na linguística, e talvez mesmo na psicologia, aparecerão sob uma luz diferente se as restabelecermos no quadro do discurso, que é a língua enquanto assumida pelo homem que fala, e sob a condição de *intersubjetividade*, única que torna possível a comunicação lingüística (PLG I, p. 293; grifo do autor)

Nessas passagens, vemos por um lado, a ideia de *língua*, no axioma *O homem está na língua*, evocando as noções de *linguagem* e *línguas*, por outro lado, a ideia de *homem*, no mesmo axioma, remete às noções de *locutor e sujeito* que remetem, por consequência, a duas outras noções não menos importantes na teoria benvenistiana: *subjetividade e intersubjetividade*.

Em resumo, para entender o axioma benvenistiano *O homem está na língua*, é fundamental o entendimento de conceitos *primitivos* tais como: *linguagem, línguas, locutor, sujeito, subjetividade e intersubjetividade*.

2.2 SOBRE TERMOS E DEFINIÇÕES

DLE (2009) define os termos da teoria benvenistiana que estão em exame:

Língua: sistema que inter-relaciona valor distintivo das formas e valor referencial relativo à situação enunciativa (p. 150).

Linguagem: faculdade de simbolizar inerente à condição humana. Assim entendida, a linguagem está diretamente ligada à intersubjetividade uma vez que, como uma faculdade de simbolizar, ela é condição de existência do homem e

como tal é sempre referida ao outro. A linguagem é constitutiva do homem na justa medida em que a intersubjetividade lhe é inerente. Dessa forma, pode-se considerar que a vinculação entre linguagem e intersubjetividade constitui uma espécie de a priori da teoria benvenistiana (...) (p. 152).

Locutor: indivíduo linguístico cuja existência se marca na língua toda vez que toma a palavra. Locutor é aquele que fala em uma dada instância de discurso e que, ao falar, se marca através de marcas específicas na língua. Trata-se de uma noção importante na teoria de Benveniste porque ela permite a Benveniste formular a noção de sujeito e, por esta, a de subjetividade (...) (p. 157-158).

Sujeito: constituição do homem na linguagem e pela linguagem (p. 220).

Subjetividade: passagem de locutor a sujeito (p. 219).

Intersubjetividade: inter-relação constitutiva da enunciação que pressupõe o eu e o outro mutuamente implicados (...) intersubjetividade é apresentada por Benveniste como uma “condição” da experiência humana inerente à linguagem. Essa experiência se reflete na língua (...) Intersubjetividade é, então, noção primeira, pressuposta, epistemologicamente, pela noção de subjetividade (p. 146).

Cabe acrescentar mais uma definição, de um termo cunhado por Benveniste, que, de certa forma, resume seu empreendimento teórico:

Língua-Discurso: atividade do sujeito que coloca a língua em uso. Émile Benveniste cria o termo língua-discurso para referir-se à relação do sistema de signos como propriedade coletiva, atualizado individualmente em uma situação própria de uso da língua (p. 151).

2.3 OS CONCEITOS PRIMITIVOS DE BENVENISTE E O AXIOMA O HOMEM ESTÁ NA LÍNGUA

A título de ilustração do que destacamos no item anterior, vejamos como as noções dos termos em destaque são apresentadas pelo próprio Benveniste em apenas um de seus textos: Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística, publicado em 1963.

Cabe um esclarecimento sobre os motivos que nos levam a tomar apenas um texto de Benveniste para fundamentar nosso ponto de vista. Subjaz a esse procedimento uma hipótese de leitura da obra do autor: os artigos constantes nos PLG I e II – transcrições de conferências proferidas, publicações em revistas especializadas, etc. – são reunidos em blocos temáticos, propostos pelo próprio linguista, constituindo seis *partes*: Transformações da linguística, A comunicação, Estruturas e análises, Funções sintáticas, O homem na língua, Léxico e cultura. Tal organização propicia, aos que se dedicam ao estudo da obra benvenistiana, a escolha de um percurso de leitura. A opção não implica prejuízo, pois os fundamentos básicos da teoria estão presentes em cada texto. Defendemos que o princípio *o homem está na língua* fundamenta toda a reflexão de Benveniste, embora – temos consciência disso – ele se faça notar com mais destaque na quinta parte do livro *PLG I*¹³.

Além desse motivo, de natureza epistemológica, outro, de natureza conceitual, nos guia. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística é um dos textos de Benveniste que explicitamente trata do homem como um tema relativo à linguagem:

Começamos por observar que a linguística tem duplo objeto: é ciência da linguagem e ciência das línguas. Essa distinção, que nem sempre se faz, é necessária: a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza (1988, p. 20).

Muitas coisas podem ser destacadas nessa passagem:

- a) a linguística como ciência das línguas, mas também da linguagem;
- b) a vinculação da linguagem ao homem;
- c) a relação entre o universal (linguagem) e o particular (línguas).

A isso, o autor acrescenta de maneira contumaz:

O homem sentiu sempre – e os poetas frequentemente cantaram – o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu (BENVENISTE, 1988, p. 27).

13 – Sobre o conjunto da obra de Benveniste, consultar FLORES, 2004.

Independentemente do lado para o qual se olhe a linguagem, é condição para que o homem exista. Opor o homem à linguagem é opô-lo a sua própria natureza. Eis o *a priori* fundamental de Benveniste, já presente anos antes em *Da subjetividade na linguagem* (1958):

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem (1988, p. 285).

Com o axioma o *homem está na língua* resumimos o princípio do pensamento benvenistiano: o homem está na língua porque é fundado simbolicamente na linguagem:

Isso é que é próprio do homem e que faz do homem um ser racional (1988, p. 27); O homem inventa e compreende símbolos; o animal, não. Tudo decorre daí (p. 28); Na verdade o homem não foi criado duas vezes, uma vez sem linguagem, e uma vez com linguagem. A ascensão de Homo na série animal pode haver sido favorecida pela sua estrutura corporal ou pela sua organização nervosa; deve-se antes de tudo à sua faculdade de representação simbólica, fonte comum do pensamento, da linguagem e da sociedade (p. 29).

Vale acrescentar que o axioma *o homem está na língua* é constituído por conceitos primitivos (foram destacados *linguagem, línguas, locutor, sujeito, subjetividade e intersubjetividade*) que têm a *enunciação* como operador.

No texto *O aparelho formal da enunciação*, apenas para citar este, encontramos 68 ocorrências da palavra *enunciação*, excetuando-se a ocorrência que integra a citação de Malinowski. Nessas 68 ocorrências, há uma grande variação conceitual: *enunciação* é apresentada como “um grande processo”, “um ato”, tendo natureza “fônica”, natureza “gráfica” etc.

Três passagens são de suma importância e podem ilustrar o papel de *operador* que a enunciação tem na teoria de Benveniste. A primeira e mais famosa encontra-se no início do texto referido: “A

enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (1989, p. 82). Nessa passagem, ele fornece um conceito geral constituído por conceitos primitivos e com grande poder explicativo/descritivo.

A segunda, menos referida: “este grande processo pode ser estudado sob diferentes aspectos” (1989, p. 82). Com essa passagem, o autor chama a atenção para um fato fundamental: não há apenas uma forma de analisar a enunciação; ela pode ser estudada sob diferentes aspectos.

A terceira, de maior importância para nossos objetivos neste texto: “o que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (1989, p. 87). A relação com o outro, a intersubjetividade, é fundante dessa teoria.

A seguir, procedemos a uma visada epistemológica contrastiva com vistas às semelhanças e às diferenças entre os dois autores.

3 TEMPO DE CONCLUIR: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE A ENUNCIÇÃO EM BAKHTIN E BENVENISTE

Martins (1990) afirma:

O pensamento desses autores coincide na preocupação antropológica de explicitar o processo de construção do sujeito, definindo-o como um evento social que se realiza pela linguagem (...). Mas Bakhtin e Benveniste se distanciam um do outro em decorrência dos caminhos que tomam para desenvolver seu projeto teórico... (p. 70).

Esse trabalho não visa o contraponto entre Bakhtin e Benveniste. O interesse é outro. Em seu trajeto teórico, a autora explicita uma intuição que, acreditamos, ser inspiradora e merecer melhor avaliação. Bakhtin e Benveniste partem de um mesmo princípio epistemológico, nomeado por Martins de “preocupação antropológica”. Ou seja: o ponto de partida dos dois autores é, em grande medida, coincidente.

No entanto, a direção dada à explicitação desse princípio parece distingui-los. Talvez isso nem cause muita surpresa, uma vez que se espera que um filósofo e um linguista, mesmo que próximos em

suas crenças gerais, encaminhem diferentemente seus projetos metodológicos.

Em Bakhtin, o princípio do dialogismo se apresenta a partir da premissa da constituição do *eu* pelo *outro*. Todo o ato é *prenhe de resposta* e implica uma resposta. A língua, nessa perspectiva, é um fato social que supõe um direcionamento para todo o enunciado.

Em Benveniste, o princípio do *homem na língua* se apresenta em conceitos como o de intersubjetividade e o de subjetividade ligados às noções de *linguagem*, *homem* e *sujeito*, entre outras.

A grande diferença que cabe sublinhar é entre o caminho escolhido pelo linguista e o escolhido pelo filósofo para demonstrar o princípio de suas teorias. A enunciação em Benveniste é apresentada em inúmeras análises linguísticas (dos pronomes, dos verbos, das modalidades, das funções sintáticas etc.). A enunciação em Bakhtin é uma reflexão que se estende a inúmeros campos do conhecimento. Benveniste circunscreve-a ao campo do linguístico; Bakhtin, não.

Explicita-se, assim, a diferença. O filósofo produz uma reflexão que se dirige a muitos objetos (conhecimento, literatura, cultura, entre outros). São reflexões que variam em função do objeto examinado, desenvolvendo sempre a tese do dialogismo em diferentes formulações; o linguista constitui uma reflexão que é circunscrita ao campo do linguístico, embora em interação com as outras áreas do conhecimento. É como linguista que Benveniste se dirige aos filósofos, sociólogos, antropólogos e psicanalistas.

Bakhtin e Benveniste propõem análises da linguagem que consideram aspectos intersubjetivos que se realizam enunciativamente. Ambos – e cada um a seu modo – integram o campo da Linguística da Enunciação, se não pelos aspectos aqui estudados, ao menos porque se recusam a separar homem e linguagem: isso já seria suficiente para aproximá-los.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

BAKHTIN, M./ (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. O problema do texto. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BENVENISTE, Ê. *Problemas de linguística geral I*. Pontes: Campinas, 1988.

_____. *Problemas de linguística geral II*. Pontes: Campinas, 1989.

BRONCKART, J.-P. *Voloshinov et Bakhtine: deux approches radicalement opposées des genres de textes et de leur statut*. Linx, número spécial Les genres de textes, automne 2007.

DI FANTI, M. G. Dialogismo. In: FLORES, V; BARBISAN, L; FINATTO, M.J; TEIXEIRA, M. (Orgs.). *Dicionário de linguística da enunciação*. Contexto: São Paulo, 2009.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FLORES, V. N. “Por que gosto de Benveniste?”. *Letras de Hoje*, n. 138, dez. 2004.

FLORES, V.N. & TEIXEIRA, M. *Introdução à linguística da enunciação*. Contexto: São Paulo, 2005.

FLORES, V; BARBISAN, L; FINATTO, M.J.; TEIXEIRA, M. (Orgs.). *Dicionário de linguística da enunciação*. Contexto: São Paulo, 2009.

MARTINS, E. J. *Enunciação e diálogo*. Campinas, SP.: Editora da Unicamp, 1990.

MILNER, J.-C. *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

VASILEV, N. L. A história da questão sobre a autoria dos “textos disputados” em estudos russos de Bakhtin (M.M. Bakhtin e seus co-autores). In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (orgs.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 290-304.

Recebido em 05/09/2009

Aprovado em 16/10/2009